

Fera Ferida: transmasculinidades para além da hegemonia do masculino machista

Cin Falchi

Como citar: FALCHI, C. Fera Ferida: transmasculinidades para além da hegemonia do masculino machista In: BRABO, T. S. A. M.(Org). Direitos Humanos, gênero, cidadania e educa o. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acad mica, 2022. p. 267-282. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-279-6.p.267-282>



FERA FERIDA:
TRANSMASCULINIDADES PARA ALÉM
DA HEGEMONIA DO MASCULINO
MACHISTA

Cin Falchi

Interagir com as pessoas é mesmo uma ação formidável, elas trazem para nós outras formas de transitar em um mundo que muitas vezes nos parece tão engessado que chega a ser catastrófica a possibilidade de outros reconhecimentos de existências.

Outro dia estava proseando com uma grande amiga que é poetisa e começamos a trocar versos rascunhados sobre o que aquietava a nossa alma. Alma, nesse momento, utilizo muito mais como expressão corriqueira de compreensão massiva do que a partir da dualidade mente-corpo antiga.

Estávamos então a trocar mensagens de áudio declamando poesias, madrugada à fora, ela mulher negra cisgênera e eu, transmasculino não-binário branco, encantado e fortificado com seus tons, suas escolhas de palavras e junções em frases potentes e expressivas. Logo me vi tomado por

tal encantamento e me movi em direções similares, mas com conteúdos mais próximos a minha realidade e questionamentos.

Passado um tempo percebi que essa experiência de escuta de si, de declamar a própria existência em estéticas do presente, me trouxe também um outro olhar para com o mundo, a partir do território do presente, como nas ressignificações e problematizações históricas de interpretação muitas vezes já consolidadas.

Tenho tido uma ânsia muito grande em trazer à superfície as configurações e apontamentos de rupturas epistêmicas que carregam em seus bojos profundos e espinhosos características ontológicas de existências hegemônicas. Percorrendo as trajetórias de Paul Beatriz Preciado é possível visualizar as dificuldades em se manter nos “entre” sociopolíticos como também é plausível alimentar a fera que não admite se manter enjaulada por sua própria conta, na tentativa de se enquadrar nas normalidades existentes. Resolvi acordar e prosear mais a respeito. Resolvi também utilizar do trajeto que faz a muitos reconhecerem suas cicatrizes como conquistas e vidas, e não exclusivamente como sofrimentos e silenciamentos. Se somos fera, seremos casos sem solução, de “corpo, alma e coração”. A solução do enquadramento não é possibilidade para nossas vidas, seria nossa morte. Preferimos a fera ferida que escapa com vida.

“ EU SEI, O CORAÇÃO PERDOA, MAS NÃO ESQUECE À TOA, E EU NÃO ME ESQUECI”

Em *A genealogia da Moral*, Friedrich Nietzsche começa a obra evidenciando no esquecimento, utilidade, costume e erro, uma formação ontológica do “homem superior” que ele nomeará como sendo “[...] uma espécie de privilégio do homem em geral” (2007, p.24). Com isso, o que o filósofo faz é questionar os traços de idiosincrasia de psicólogos ingleses que diz ele apresentarem o que denominam de homem superior, mas que para o ser, é necessário estar acordado em uma vivência, um modo de vida, que possa ser mensurado a partir de regras preestabelecidas, exclusivamente, por esses mesmos “homens superiores”, fazendo com que a pertença superior seja de interesse próprio advinda de uma dominação.

Para mim é evidente em primeiro lugar que essa teoria procura e fixa a origem da emergência do conceito “bom” num lugar em que não está: o juízo “bom” não emana daqueles a quem se prodigalizou a “bondade”. Foram os próprios “bons”, os homens nobres, os poderosos, aqueles que ocupam uma posição de destaque e têm a alma enlevada que julgaram e fixaram a si e a seu agir como “bom”, ou seja, “de primeira ordem”, em oposição a tudo o que é baixo, mesquinho, comum e plebeu. Foi esse pathos da distância que os levou a arrogar-se por primeiros o direito de criar valores, de forjar nomes de valores: que lhes importava a utilidade! (NIETZSCHE, 2007, p.25)

Quando retomamos cenas de formação da monstruosidade de existência que é delegada aos corpos trans, o esquecimento não é uma possibilidade. Esquecer pode implicar em se colocar em risco constante. Mas para além dos riscos físicos, é necessário olhar o trajeto percorrido e trazer nessa icônica genealogia também as rupturas com essa imposição de morte. E é no próprio Nietzsche que encontramos os relances desse jogo de existências:

O homem, por falta de inimigos e de resistências exteriores, comprimido na estreiteza e na regularidade opressora dos costumes, se dilacerava, se torturava, se corroía, se maltratava, se brutalizava a si mesmo, esse animal que se rasgava as carnes contra as barras da jaula e que se quer domar, esse ser alvo de privações, devorado pela nostalgia do deserto, que teve que fazer dele próprio uma aventura, uma câmara de torturas, uma região selvagem, incerta e perigosa – esse louco, esse cativo nostálgico e desesperado se tornou o inventor da “má consciência”. (2007, p. 81)

Um crivo desses perpassa e atravessa corpos retalhados que mostram que, como monstro, “seu corpo é um reverso de um corpo com alma” (PEIXOTO JUNIOR, 2010. p.180). Se animal arisco, quando domesticado há, realmente, a possibilidade de esquecimento dos riscos. Nessa história, pessoas trans tornam-se a composição humana que evidencia a constituição

ontológica da existência do risco. E então, quando a passabilidade¹ toma conta desse ser, a resistência exterior pode até faltar-lhe, dado os costumes do patriarcado, misogenia e machismo ter no estereótipo padronizado e brutal sua falsa calma, mas mesmo assim, não se deixe enganar e nem se levar por essa aparência, ela não é estética de vida, é subterfúgio paliativo para uma necropolítica² domesticada.

Portanto, se por um lado a formação enquanto pessoas trans está ancorada no não esquecimento formativo da fera, ela também pode ser vista a partir da presença imanente do risco monstruoso ferido. No entanto, esse risco não é orgânico às pessoas trans. Ele o é para o conjunto de (cis) temas que ancora, com a arrogância de seus próprios marcos históricos, uma história de subjugação e enquadramentos limitantes e obedientes às regras e normalidades forjadas para a manutenção “dos seus”, dos “homens superiores”.

Quando retomamos, em pleno um momento crise mundial sanitária, os questionamentos e desesperos que países capitalistas evidenciam com relação aos seus (cis) temas econômicos, podemos visualizar nas trocas de mensagens de áudios poéticos, a existências de outras maneiras de subverter e arriscar falar de vidas. Vidas com “s”, porque a generalização do que possa ser vida nos ancorou nesse enrosco de sobrevalorizar um modo de existência que é tão refém como as existências trans possam vir a ser, com a diferença de muitas vezes permanecerem nos enquadramentos desejáveis para uma manutenção de vida enxuta, sucedida e a-significante. E com Maurizio Lazzarato podemos compreender que:

O que importa no capitalismo é controlar os dispositivos semióticos asignificantes (econômicos, científicos, técnicos, contábeis, do mercado de ações, etc.) através dos quais ele busca despolitizar e despersonalizar as relações de poder. A força das semióticas asignificantes reside no fato de que, por um lado, elas são formas de avaliação e mensuração “automática” e, por outro lado, elas unem e tornam “formalmente” equivalentes esferas heterogêneas de força

¹ Condição e/ou capacidade de alguma pessoa poder passar como membro de um grupo ou categoria em função de sua representação de imagem. Ex: quando uma pessoa trans é interpretada como pessoa cis pela sociedade.

² Para saber mais: MBEMBE, Achille. Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. N-1 Eduções. São Paulo, maio 2019.

e por assimétricos ao integrá-las e racionalizá-las para a acumulação econômica. (2014, p.41)

Enquanto corpo do fracasso (cis)têmico, pessoas trans são também corpos em ascensão e criação, com as potencialidades de existires que estão alocadas em outros patamares que não, necessariamente, o da hegemonia da captura de produções de vida estruturante e estrutural desse dado (cis) tema. O que significa afirmar não conceber as existências na regulamentação e normalização desses enquadramentos prévios de ser. Não significa, no entanto, que compor o espaço (cis)têmico, dentro desse sistema de verdades, não possa vir a se tornar tão inventados/as como qualquer outro ser que o componha.

As transexualidades foram inventadas. Dizer que foram inventadas é diferente de dizer que não existiam. Dizer que foram inventadas é perceber como, quando e de quais maneiras esta forma de subjetividade passa a constituir um elemento importante tanto do ponto de vista discursivo quanto das práticas sociais, ganhando sentidos em determinados regimes de verdade. (LIMA, 2014, p.68)

Mas, vivenciar essas invenções com a própria carne pode ser visto também como um ato estético e ético de existir nas performances possíveis e tangíveis a manutenção de enquadramentos de vida. Os corpos trans expressão, em suas existências, não apenas os limites, mas também as potencialidades das possibilidades dos corpos, em concatenação com suas vivências e experiências.

Assim, por exemplo, quando Preciado enuncia “não sou um homem, mas um homem trans”, ele mesmo já traz o que essa afirmação tem aprofundada em seu bojo significativo

Eu sou um contrabandista, minha história e minha consciência estão fora de sintonia com a ficção política masculina que é a minha hoje. Ao menos uma vez por dia, lembro na conversa com um interlocutor ou uma interlocutora que eu sou um homem trans, uma maneira de dizer sobre meu confronto com o sistema sexo-gênero. Nossos corpos trans são um ato de dissidência. Para mim,

um homem trans faz parte da minoria das mulheres, porque, para mim, as mulheres não são uma natureza, mas uma minoria política. Minha cultura permanece a das mulheres, fui criada e educada na feminilidade. Eu sou um feminista. Não me esqueço disso. A cada vez que alguém me chama Paul, é um ato de cooperação que se torna um ato de resistência política. De certo modo, estou em uma recuperação ativa do que me foi radicalmente roubado: a alegria da infância. Desejo que cada um invente um novo manual para seu corpo, que saia da norma, que não se reconheça no espelho. (PRECIADO, 2019, n/p)

As fragmentações e classificações (cis)têmicas compactuam não apenas como formativas, mas também como mantenedoras das violências cravadas na pele de muitos/as/es. E aí sim, nesse interstício violento para se fazer existir, nos tornamos o “animal ferido, por instinto decido” e que por inúmeras vezes busca na tentativa infeliz de esquecer, o apagamento dos rastros formativos e fundantes de sua própria existência.

Vou afunilar mais e trazer as transmasculinidades como objeto central dessas formulações pululantes de pensamentos. Até porque, das interseccionalidades do jogo sexo-raça-classe, a masculinidade hegemônica solidifica, a meu ver, em conjunto com a branquitude, a heterossexualidade e a burguesia, as compactuações mais traiçoeiras e permissivas de violências para a manutenção dessa necropolítica estrutural que afeta, de afeto mesmo, as experiências e experimentos de vidas trans.

“ACABEI COM TUDO, ESCAPEI COM VIDA. TIVE AS ROUPAS E OS SONHOS RASGADOS NA MINHA SAÍDA”

Como pessoas transmasculinas, saímos de uma feminilidade imposta tão maltratada e espezinhada que ao tentarem nos enquadrar nela, já rebatíamos os açoutes que ainda se fazem presentes nos corpos e vidas que nela permanecem, mas que buscam e lutam e transgridem também, a partir da compreensão do “ser mulher”. Podemos destacar as diversas e inúmeras rupturas que possam resistir para existir de formas menos cruéis a si mesmas. Nery e Maranhão F retomam essa importância ao afirmarem

que “Essa herança de gênero’ (a bagagem do mundo social feminino) é uma das marcas das transmasculinidades, o que possivelmente os difere dos homens cis, já que a maioria foi criado para o mundo privado e não para o público.” (2017, 285)

Ao sairmos, portanto, da compulsividade cisgênera da feminilidade, saímos ferido, sufocando nossos gemidos, sendo alvo perfeito e muitas vezes com o peito atingido. Nessa transfiguração de imagens próprias, não está em jogo exclusivamente dispositivos microprostéticos³, mas primordialmente, os olhares estéticos e ações éticas para conosco mesmos/as que se alimentam, muitas vezes, do chorume da identidade hegemônica masculina tão cara e necessária para nossa própria permanência em políticas públicas precárias e insuficientes, além de muitas vezes também questionáveis, que são sobrepostas a nossos modos de existir. Percorremos do desgarramento de normativas tão intrínsecas à formação que muitas vezes somos lançados/es, justamente, para o epicentro da norma, e nos montamos escudados/es por cada detalhe que possa nos informatizar da mesma maneira e assim nos trazer a falsa segurança (cis)têmica nunca sentida. Nesse sentido, Peixoto Junior (2010) realiza uma sequência de apontamentos sobre o monstro e traz, nessa sequência, filósofos que evidenciam possibilidades de subversão a partir das relações com o corpo pelas monstruosidades. Em dado momento o autor aponta que se em Foucault o *anormal* é qualificado em ser “aquilo que não tem ou contradiz a regra”, ele afirma estar na *anomalía*, a partir de Deleuze e Guatarri, a “excepcionalidade da posição ou de um conjunto de posições em relação a uma multiplicidade”. Nesse sentido diz que “Se o monstro foi capturado pelo saber-poder médico-jurídico no âmbito das anomalias, isso certamente ocorreu porque o anômalo também comportava uma potência subversiva ligada à multiplicidade e ao devir.” (PEIXOTO JUNIOR, 2010, p.181)

³ Dispositivos microprostéticos são técnicas de controles das sexualidades visíveis ou não inseridas no corpo pela indústria farmacêutica, como as pílulas hormonais, por exemplo, visando seguir um programa sexopolítico que tem como meta o consumo e expansão do mercado farmacológico para a administração dos corpos a partir de microtecnologias de gestão da subjetividade sexual. “De nuevo es posible identificar aquí el devenir líquido y microprostético de las técnicas de control de la sexualidad que antes eran rígidas, exteriores e visibles. Del panóptico que se traga pasamos progresivamente al panóptico que se inyecta, se instala hasta confundirse con la estructura del viviente” (PRECIADO, Testo, p. 140)

Ao nos sentir sozinho/e, tropeçando em nosso próprio caminho, em busca apenas de um abrigo, ajuda, um lugar ou mesmo um amigo, temos a difícil escolha entre feridas, sendo uma delas a de permanecer na solidão de uma existência já tão massacrada e debilitada. Uma outra, e ainda muito utilizada, é a de enquadramento na masculinidade hegemônica e a tentativa de pertença insólita nesse (cis)tema, a partir da forja de nossos corpos, com biotecnopolíticas dos corpos, onde dispositivos farmacológicos nutrem, a partir de imagens consolidadas de copos masculinos hegemônicos, uma estética estagnada e reproduzida compulsoriamente, que agrega em si e consigo, necessariamente, as características violentas e hegemônicas que um homem cisgênero pode e deve compor para se caracterizar enquanto homem.

Podemos também compreender a importância do *comum* frente a tais rupturas, não necessariamente como identidades encaixadas que possam ser moduladas, mas como *multidões* que a partir de signos básicos, como peitos, que trazem expressões estéticas outras e epistemologias travestigêneres, por exemplo. Quer dizer, questionam as molduras dos enquadramentos sugerindo, em suas próprias existências, outras constituições.

Tudo muito esmiuçado, mas no dia a dia, os farelos são a base constitutiva de existência que pessoas transmasculinas e homens trans experienciam. Porque dentro desse jogo que é viver, as cicatrizes falam e as palavras calam, o que não nos esquecemos. Quando então nos vemos na possibilidade de incorporação das normas dessas existências que padronizam o que é vida, é de se esperar que muitos/es de nós assumam para si a difícil tarefa se ficcionar a partir do modelo exposto. Se transpõe com a armadura cisgênera, embebido de machismo e assume na carcaça da pele a deturpação da violência máxima ancorada em si mesmo/e. A imagem e realização dessa masculinidade desdobram-se em normativas cruéis e passamos do silenciamento de nossas existências passadas para o aprisionamento no machismo cotidiano. A confusão está formada e se antes éramos estranhos/es enquanto “mulheres” e subjugados/es por um machismo sórdido que ainda ronda e forma nossa sociedade, quando conseguimos enfim nos encontrar a nós mesmos/es nas expressões de gênero, identidades de gênero, enfim, que transversalizam as masculinidades, nos vemos alocados/

es em um espaço pouco habitado de questionamentos e reconhecimentos, mas extremamente certo em suas verdades tradicionais e historicidades mesquinhas e muitas vezes infundadas, mas que permanecem acolhendo as mesmas verdades tradicionais.

Como animais feridos, muitos/es de nós passam anos andando à deriva, sem olhar para trás, sem rumo, sem laço, e por vezes tendo na expectativa de devires, a possibilidade de uma existência sólida. Porque o limite da falta de enquadramento é a presença constante da resistência, outra escolha ferida. Como Judith Butler (2015) enuncia, em um de seus ensaios, sobre enquadramento seletivo: “[...] uma vida específica não pode ser considerada lesada ou perdida se não for primeiro considerada vida.”. (BUTLER, 2015, p.13). Peixoto Junior também expressa que

Talvez seja por esse motivo os monstros exercem tamanha atração: situados em uma zona de indiscernibilidade entre o devir-outro e o caos, eles podem aparecer – como no caso das figuras culturais da “mestiçagem” e da chamada “dupla identidade” – como um foco de atração de saúde e de vida contornado por regiões mortíferas ou mórbidas. Algo nos monstros se confunde e confunde a imaginação, suscitando um autêntico devir-outro, para além de si, mesmo. (PEIXOTO JUNIOR, 2010, p.183)

Portanto, quando é para as questões de transmasculinidades que trazemos a atenção, é também realizado o movimento de compreender as transmasculinidades enquanto vidas, delegando assim *status* ontológico à tais vivências e as ancorando em terras firmes do estar vivo/e. Até porque, enquanto não nos autoimpusermos o espectro de vivências, seremos algo tão frágil quanto a masculinidade hegemônica o é.

Butler também expressa algo que nos toca e nos forja diariamente. Diz que

O “ser” do corpo ao qual essa ontologia se refere é um ser que está sempre entregue a outros, a normas, a organizações sociais e políticas que se desenvolveram historicamente a fim de maximizar a precariedade para alguns e minimizar a precariedade para outros. Não é possível definir primeiro a ontologia do corpo e depois as

significações sociais que o corpo assume. Antes, ser um corpo é estar exposto a uma modelagem e a uma forma social, e isso é o que faz da ontologia do corpo uma ontologia social. (2015, p. 15)

Realizar essa explanação é reconhecer que não são apenas os corpos transmasculinos que terão a árdua tarefa de reconhecer as algúrias da toxidade da masculinidade hegemônica e se auto gerir exclusivamente em seus *êthos* como se fossem os únicos capazes e necessários de forjar ou estarem acima da produção dessa masculinidade violenta. Com essa afirmação, não admito que também não caiba a tais corpos. Mas sendo corpo uma existência ontológica social, é necessário que como comunidade, consigamos admitir outros olhares e desdobramentos para com corpos transmasculinos/es a fim de, ao menos, outorgá-los as inúmeras outras ficções possíveis de masculinidades. Nesse sentido, retomo a afirmação de Preciado ao dizer que não é homem, mas sim homem trans. Esse é um enunciado que evidencia os enquadramentos enquanto constituições sociais que carecem ser repensadas e reformuladas, pois enquanto pessoas transmasculinas, é necessário que não nos rotulem como seres forjados na mesma forma, na importância em não nos limitarem aos jogos que poder aos quais constantemente são utilizados por homens cisgêneros, que detém dentro desse jogo, os instrumentos e a reprodução dessa masculinidade social.

Quando, enfim, uma pessoa transmasculina começa a tropeçar em seus próprios passos, existindo para si, a mesma história que muitas vezes precisa ser negada em sua dor, é também a beleza e a potência por ter resistido. Sabemos que flores existiram, mas elas muitas vezes não resistem aos constantes vendavais. E esses vendavais estão não apenas em dados estatísticos de suicídio, como também ao que aqui elenquei como o objeto central da masculinidade hegemônica: o machismo.

Se por um lado o limite de si em si mesmo, com as sobrecargas sociais e políticas, nos abrem espaços imensos para que o suicídio seja uma ação concreta frente as ações sociais diárias que estão dispostas em nossos corpos, vale também a atenção as reproduções dessas mesmas ações como possibilidade de existência nos territórios de pertença.

O assunto não é tão superficial como o exponho, e aqui seria importante desvelarmos outras transversalidades sobre as constituições de sujeitos, mas como o propósito principal se faz em um pontapé inicial e revelador de incômodos, começar uma apresentação de maneira mais generalizada talvez nos dê a maturação necessária para que não caiamos no mesmo erro de atropelar essa importante trajetória de questionamentos sobre algo tão dilacerante a todas as pessoas, sendo homens ou não, a fadada masculinidade frágil, porém potente o suficiente para nos violentar até hoje.

“ERA SOLTO EM MEUS PASSOS, BICHO LIVRE, SEM RUMO, SEM LAÇO”

Bruno e Celso Latini Pfeil (2021) discorrem e questionam, por exemplo, os índices de suicídios em pessoas cisgêneros, realizando um recorte de gênero e cor de pele. Os autores evidenciam que pessoas trans e travestis não são contabilizados/as/es em suas tentativas e mortes por suicídio e que, portanto, inclusive os dados oficiais, seriam diferentes. E seriam diferentes, a meu ver, por vários aspectos, visto que a comunidade trans e travesti, provavelmente, é contabilizada como cisgênera, inclusive. Dizem eles:

A omissão de dados sobre identidade de gênero dos laudos médicos de óbito e dos registros oficiais com relação ao suicídio, a universalização da cisgeneridade e a inacessibilidade de pessoas transmasculinas a serviços de saúde e instrumentos que produzam as estatísticas anteriormente dispostas nos mostram que não, não podemos atribuir os estudos sobre masculinidades – feitos por pessoas cis – às transmasculinidades, por mais redundante que isso soe. (PFEIL E PFEIL, 2021, p.54)

Portanto, para minimamente começarem a movimentação da existência de vivências e, assim, de possibilidade de morte, os autores admitem que tiveram que recorrer a estudos não oficiais governamentais, no entanto legítimos e científicos, que de alguma forma tiveram uma busca por informações a partir de um olhar e uma construção de inclusão

e viabilidade de vivências para além das normalizadas e padronizadas de masculinidade.

E como mais um apontamento que não pode deixar de ser evidenciado, vale ressaltar que em pleno o ano de 2021, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), se posicionou contrário a contabilização de LGBTs em seu censo, mesmo sendo o principal provedor de dados e informações da população brasileira. Uma decisão e ação como a desse Instituto que é público e que confere a administração federal brasileira dados para a manutenção e aprimoramento de políticas públicas, evidencia a total marginalização da população brasileira LGBT como um todo, que em levantamento não-governamental, é estimada em 18 milhões de pessoas, isso não contabilizando intersexo e assexuais, o que implicaria em um número consideravelmente maior, bem como uma negligência ainda mais escandalosa⁴.

Produzimos em nós aquilo que apreendemos e é importante nos atentarmos a essa apreensão da masculinidade. De acordo com Butler a apreensão é “[...] algo menos preciso, já que pode implicar marcar, registrar ou reconhecer sem pleno conhecimento. Se é uma forma de conhecimento, está associada com o sentir e o perceber, mas de maneira que não são sempre – ou ainda não são – formas conceituais de conhecimento.” (2015, p.18)

Diferente do reconhecimento, que perpassa por outros trajetos para que seja consolidado, e que será tópico de outra análise, a apreensão parece ser o que vem até nós a partir dos vínculos por existir, e não necessariamente, por conhecer-se, ou mesmo pensar sobre si.

A partir do momento em que nos percebemos corpo transmasculino/e, parece que também apreendemos uma utopia realizada para apagar nossos corpos que, como Michel Foucault enuncia, é a utopia do país dos mortos. Utilizando o exemplo de civilizações egípcias, Foucault retoma as múmias como “[...] utopia de corpo negado e transfigurado” (FOUCAULT, 1966, p.04)

⁴ Dado retirado de : <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/02/19/perguntas-sobre-identidade-de-genero-e-orientacao-sexual-poderao-ser-incluidas-no-censo>> em 29 de junho de 2021.

Podemos ser, enquanto corpos transmasculinos/es, múmias sólidas, esbeltas, pintadas e esculturais de corpos gloriosos, ainda mais quando ricos e brancos nessa caricatura, que mostram a nós mesmos/es e à sociedade o quanto conseguimos performatizar aquilo que hegemonicamente nos é apreendido como masculinidade, persistindo através do tempo e fazendo de nós mesmo corpo negado e transfigurado.

Aqui, teremos um parcial reconhecimento enquanto corpo transmasculino/e, visto a apreensão não estar fora do alcance social, mas ao contrário, ser uma configuração de vida. E nessa utopia de corpos, e nessa apreensão de corpos, e nessa utopia dos mortos, as transmasculinidades tornam-se sólidas enquanto coisa e eterna como um deus. E isso, isso é cruel. É a apreensão da crueldade que te transfigura enquanto vida. É cruel, mas é uma possibilidade de existência para muitas pessoas transmasculinas/es.

Sabemos que o coração perdoa, mas não podemos nos esquecer de nossas trajetórias, porque é na transformação e presença do caminhar que ainda temos a esperança de que estamos vivendo. Transfigurar nossos corpos é apenas uma possibilidade, não uma verdade indubitável. E quem o faz, precisa estar ciente das mazelas sociais que a masculinidade hegemônica tem perpetuado em nossos territórios, para que não caiamos no canto da sereia do privilégio irrestrito e da violência “aceitável”.

“NÃO VOU MUDAR, ESSE CASO NÃO TEM SOLUÇÃO, SOU FERA FERIDA, NO CORPO, NA ALMA E NO CORAÇÃO”

Quando me vi imerso nos áudios poéticos que Bruna Motta⁵ me mandava pelas noites afora, percebi que o incômodo que me rondava sobre minha própria identidade de gênero estava sendo escancarado e rasgado pelas poesias da negritude que ela assumia e chamava ao reconhecimento.

Ademais de conceituar, foi importante perceber que *lugar de fala* está para além de ter voz e que Djamila Ribeiro (2019) tenha concretizado esse local não apenas como físico, mas também como local formativo. E que se

⁵ Artista e produtora cultural especializada em produção de conteúdo e eventos literários e artísticos. Acesso em: <<https://www.instagram.com/mottabrunapoesia/>>.

temos atualmente, de maneira tão forte e potente, como Motta pode me trazer, uma proliferação de múltiplas vozes negras ecoando e implodindo nos territórios que estão presentes, é fundamental nos atentarmos a essas movimentações não apenas como modelos, mas como uma das dimensões que “[...] não podem ser pensadas de forma separada”, como Ribeiro afirma. (2019, p.71)

Isto posto, retomo na íntegra uma citação que nesse escrito que aqui me ponho a realizar, acredito ser necessária para que pensemos nossas transfigurações de gênero não como um local a se chegar, mas como um trajeto à se construir por todas as pessoas e não, exclusivamente, as pessoas transmasculinas/es. E que realizemos e experimentemos nossas vidas e expressões, não a reproduzir na íntegra a modelagem, ou o enquadramento que, socialmente, historicamente, ou mesmo apreensivamente, foi prescrito à masculinidade. Mas que saibamos, enquanto comunidade, quando estamos alocados/es em relações de poder que nos possibilitam a criação de estratégias, como fera ferida, mas também como bicho solto, pois se tivemos as roupas e os sonhos rasgados na saída, não perfumaremos nossas múmias, mas nas tristezas, morreremos aos poucos por amor. Amor a nós mesmos/es. Diz ela:

Acredito que nem todas as pessoas brancas se identifiquem entre si e tenham as mesmas visões, mas existe uma cobrança maior em relação aos indivíduos pertencentes a grupos historicamente discriminados, como se fossem mais obrigados do que os grupos localizados no poder de criar estratégias de enfrentamento às desigualdades. (2019, p.69)

Evidencio esse fragmento para evidenciar também a importância que grupos hegemônicos precisam ter em suas movimentações, ações, atitudes e experiências de viver. Passamos, enquanto corpos ocidentalizados, por diversos embates que são elaborados a partir do binarismo ou mesmo do dualismo metafísico. Nesse sentido, é imprescindível que os corpos hegemônicos se façam presentes e modificáveis, tanto quanto os nossos subalternizados. E aqui, estabeleço para mim e para os/es meus/minhes, o pontapé de acabar com tudo, mas escapar com vida. O que fazemos

é viver e não nos ludibriar com o chorume do fazer morrer perfumado e caricaturado como beleza, que expressa em sua fragilidade a partir da violência entregue a nós cotidianamente. Não buscamos que nos deixem viver, não buscamos nesse (cis)tema os prenúncios de nossa existência. Ele só evidencia que foi programado para a morte, e não para a vida. O que esperamos é que mais pessoas percebam o que nós, por estarmos a margem e nessa violência, já o sabemos: esse (cis)tema não serve para ninguém! Só te faz ser servil! Quem é você nele?

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra:** Quando a vida é passível de luto? Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2015.
- CARLOS E CARLOS. Roberto e Erasmo. Fera Ferida. Álbum da letra: Roberto Carlos, 1982.
- FOUCAULT, Michel. **Utopia do corpo.** Tradução de Valéria Monteiro. Acesso em: <https://www.academia.edu/27480374/Utopia_do_Corpo_Michel_Foucault>.
- LAZZARATO, Maurício. **Enunciação e Política.** Uma leitura em Paralelo da democracia: Foucault e Rancière. In: LAZZARATO, Maurício. Signos, Máquinas e Subjetividades. Edições Senac São Paulo, N-1 Edições, 2014. p. 193-213.
- LIMA, Fátima. A construção do dispositivo TRANS: Saberes, singularidades e subversões da norma. In: *Corpos, Gêneros, Sexualidades: Políticas de Subjetivação.* Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014. p.61 – 86.
- NERY E MARANHÃO F. João Walter e Eduardo Meinberg de Albuquerque. **Deslocamentos subjetivos das transmasculinidades brasileiras contemporâneas.** Periódicus, Salvador, n.7 v.1, maio-out.2017. Revista de Estudos interdisciplinares em gêneros e sexualidades. p.208 – 299.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da Moral.** Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 20. 2.Edição. Editora Escala. São Paulo – SP, 2007.
- PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. **Sobre corpos e monstros:** algumas reflexões contemporâneas a partir da Filosofia da Diferença. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.15, n.1, p.179 – 187, jan./mar 2010.
- PFEIL e PFEIL. Bruno e Celso Latini. **Reflexões sobre transmasculinidades e preservação da vida:** os impactos da deslocalização. *Revista Estudos Transviados*, v.2, n.3, junho de 2021. p.50-59.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Nossos corpos trans são um ato de dissidência do sistema sexo-gênero**. Cécile Dumas. RESISTA!, in: <<https://resistaorp.blog/2019/03/26/nossos-corpos-trans-sao-um-ato-de-dissidencia-do-sistema-sexo-genero/>>, 2019, tradução: Luiz Morando. Original em: Entrevista de Paul Preciado a Cécile Daumas, publicada no jornal *Libération* em 19 de março de 2019. Disponível em:<https://www.liberation.fr/debats/2019/03/19/paul-b-preciado-nos-corps-trans-sont-un-acte-de-dissidence-du-systeme-sexe-genre_1716157?fbclid=IwAR2Lx5MDvyu7FvM6stL3sZW-IycWH_g1y0ybQXxBhLL-AmHR44OG08GLmwI>

_____. **Testo Yonki**. Madri: Editora Espasa Calpe, S.A, 2008.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.